

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
3 DE JULHO DE 2023

OS BONECOS DE SANTO ALEIXO / 1977

Um filme de Cooperativa Paz dos Reis

Realização, argumento, fotografia, som e montagem: Cooperativa Paz dos Reis (Alexandre Gonçalves, Alice Plata, António Rações, Jorge Loureiro, João Botelho, Leonor Cintra Gomes, Maurício Cunha, Pedro Massano de Amorim, Rogério Lagos, Virgínia La Fonte, Álvaro Saldanha da Gama) / **Música:** Bonecreiros / **Intérpretes:** Companhia de Bonecos do Mestre Sandes.

Produção: Cooperativa Paz dos Reis (Porto), com o apoio do Centro de Estudos Etnográficos e patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian / **Cópia:** CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA, restaurada em 2004, em 16mm, colorida / **Duração:** 99 minutos / **Antestreia:** Anfiteatro da Biblioteca Nacional, em 11 de janeiro de 1978

No seguimento da apresentação das obras que se encontram nos cofres e que têm vindo a ser restauradas, a Cinemateca apresenta nesta sessão um dos mais sugestivos exemplos do que se pode chamar de um cinema «etnográfico». Trata-se de uma produção da Cooperativa Paz dos Reis, sediada no Porto, e se se destaca esta circunstância é porque é do Norte que parece vir a maior parte do que de bom por cá se fez neste campo. Estou a lembrar-me, não tanto de Manoel de Oliveira e os seus incontornáveis **O Pão, A Caça e O Acto da Primavera**, mas de um filme anterior a este, realizado pela Secção de Cinema Experimental do Cineclube do Porto em 1960: **O Auto da Floripes**. Salvo erro, antes do 25 de Abril foram estas as únicas incursões sérias (e conseguidas) neste campo. Mas depois do Movimento dos Capitães, a situação não terá sido muito melhor, com os cineastas que melhor se lhe podiam dedicar entregues a incursões de interesse imediato na luta política. A média metragem de António Campos, **Falamos de Rio de Onor** estreada em 1974 é ainda uma produção do ano anterior. Em 1976 António Reis e Margarida Martins Cordeiro dão-nos a primeira das suas incursões pela alma do povo, na que é a obra-prima dos realizadores, um dos melhores filmes portugueses de sempre: **Trás-Os-Montes**. Destes tempos em que o cinema se pôs (para o melhor e para o pior, mais para o segundo do que para o primeiro) ao serviço do combate ideológico, foram poucos os filmes que procuraram mais as raízes do que o efeito imediato, e dois dos melhores são de 1977: **Os Bonecos de Santo Aleixo**, que vamos ver, e **Madanela** de Manuel Costa e Silva.

O que caracteriza o trabalho da Cooperativa Paz dos Reis é, antes de mais, o rigor e a simplicidade. O filme **Os Bonecos de Santo Aleixo** nunca extravasa do seu objecto para circunstâncias exteriores. Se alguma vez acontece, na apresentação da família dos titereiros, nas conversas na taberna (em particular a que nos é mostrada no belíssimo plano do camponês que nos fala, sentado à porta, enquanto no interior se joga), é sempre em relação com esse objecto, e quando se evoca a «história» é na função dos «quadros» «naífs» dentro da representação.

Esse rigor é tanto formal como narrativo. No primeiro caso, os autores colocam-se sempre no ponto de vista do espectador, distanciados dos bonecos cujas peripécias são vistas como se através de um alçapão de cena, o que terá a ver com a disposição cénica mas que no filme resulta num efeito singular. Só muito raramente a câmara sai desta posição. Na segunda parte, de súbito a câmara aparece «dentro» do «palco» numa *plongée* sobre dois dos bonecos em acção. À margem da representação a câmara destaca-se pelos seus movimentos regulares e hieráticos que têm por modelo a belíssima cena de abertura, do lento alvorecer sobre o campo, a entrada em cena dos trabalhadores rurais e o *travelling* que os mais apresentando sobre as máquinas agrícolas, ou o seguinte, o do homem do também que cruza o adro da igreja, seguido pelas crianças, no que é o anúncio do espectáculo.

O rigor da narrativa mostra-se na forma como a representação e a história da representação se ligam. Por um lado, é uma narrativa popular clássica dividida em três partes, uma de textos bíblicos (o filme abre com uma longa leitura do Génesis numa velha Bíblia cheia de arcaísmos), a que se segue uma série de quadros que se poderiam apontar como de «crítica social» onde se destaca a longa opressão dos camponeses. Finalmente a última parte tem a ver com as formas que o povo usa para suportar o «destino» e continuar a viver, das danças aos cantos populares. Por outro lado, é também uma exposição sobre uma arte popular (do Alentejo) em vias extinção, e de que será, talvez, dentro em pouco, um dos raros documentos.

Manuel Cintra Ferreira